

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B823	<p>O Brasil dimensionado pela história [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-823-6 DOI 10.22533/at.ed.236190312</p> <p>1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 981.65</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes bases, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA	
Wagner Cavalheiro	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903121	
CAPÍTULO 2	11
PATRIMÔNIO: ESPAÇO DIDATIZADO – CASO DO INSTITUTO BRUNO SEGALLA, CAXIAS DO SUL	
Paloma Lava	
DOI 10.22533/at.ed.2361903122	
CAPÍTULO 3	21
O PATRIMÔNIO TERRITORIAL PÚBLICO E OS REGISTROS DOCUMENTAIS	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903123	
CAPÍTULO 4	32
SERRA NEGRA DO NORTE/RN – BERÇO DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL-NATURAL ADORMECIDO	
Rita de Cássia Dantas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903124	
CAPÍTULO 5	45
IDENTIDADE E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MONTES GUARARAPES	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2361903125	
CAPÍTULO 6	53
ARQUIVOS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: OS BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS DESSAS APROXIMAÇÕES	
Railane Antunes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903126	
CAPÍTULO 7	65
NO LINEAR DA PRIMEIRA REPÚBLICA A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS (1906–24), O PAPEL DO INSPETOR E DIRETOR	
Sandra Maria de Oliveira	
Betânia Oliveira Larteza Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2361903127	
CAPÍTULO 8	84
A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO	
O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ	
Editon Mioshi Arakawa Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.2361903128	

CAPÍTULO 9	97
ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO A BOTIJA DE OURO	
Atenor Junior Pinto dos Santos Marcos Ferreira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.2361903129	
CAPÍTULO 10	107
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ARQUIVOS ESCOLARES COMO POSSIBILIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	
Vanessa Campos Mariano Ruckstadter Janete Leiko Tanno Flávio Massami Martins Ruckstadter	
DOI 10.22533/at.ed.23619031210	
CAPÍTULO 11	118
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS	
Roselia Cristina de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031211	
CAPÍTULO 12	133
ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS CRECHES NA CIDADE DE MARÍLIA/SP, BRASIL: 1940-1997	
Josiane de Moura Dias Marquizeli	
DOI 10.22533/at.ed.23619031212	
CAPÍTULO 13	141
A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA DOS TRABALHOS REALIZADOS EM IJUÍ/RS	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031213	
CAPÍTULO 14	148
BRASIL E ÁFRICA DO SUL NO CONTEXTO DO APARTHEID: RELAÇÕES E RUPTURAS	
Mariana Schlickmann	
DOI 10.22533/at.ed.23619031214	
CAPÍTULO 15	157
ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR	
José Antônio de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.23619031215	
CAPÍTULO 16	174
HISTÓRIA DA SECA, DA FÉ E DO NORDESTE CANTADA PELO REI DO BAIÃO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031216	

CAPÍTULO 17	183
A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI	
Romero de Albuquerque Maranhão	
Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031217	
CAPÍTULO 18	192
“A PROPRIEDADE PRIVADA É SAGRADA E PONTO FINAL”: A FALA DO PRESIDENTE BOLSONARO AOS RURALISTAS E A VIOLÊNCIA NO CAMPO	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.23619031218	
CAPÍTULO 19	200
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)	
Marcelo Marcon	
DOI 10.22533/at.ed.23619031219	
CAPÍTULO 20	211
A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA <i>O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE</i> (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.23619031220	
CAPÍTULO 21	227
O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031221	
CAPÍTULO 22	237
ESTÉTICA NEGRA E DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGEM NO CINEMA NEGRO DE SPIKE LEE E ZÓZIMO BULBUL	
Jéfferson Luiz da Silva Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.23619031222	
CAPÍTULO 23	248
CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO	
Denis Wan-Dick Corbi	
DOI 10.22533/at.ed.23619031223	
CAPÍTULO 24	260
DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO À IGREJA DE SATÃ - AS RESSIGNIFICAÇÕES DO BAPHOMET	
Lívian Mota Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.23619031224	

CAPÍTULO 25	271
KUÑANGUE ATY GUASU ENTRE RITUAIS: A RESISTÊNCIA DAS MULHERES KAIOWÁ E GUARANI NO MS	
Marlene Ricardi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.23619031225	
CAPÍTULO 26	279
O SILENCIO SOBRE AS AFETIVIDADES FEMININAS: ESCRAVIDÃO, GÊNERO E CORPO NO MARANHÃO COLONIAL	
Nila Michele Bastos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.23619031226	
CAPÍTULO 27	293
UM OLHAR SOBRE O URBANO NO BRASIL COLONIAL: IRMANDADES DE NEGROS E ESPACIALIDADE DA POPULAÇÃO ESCRAVA	
Valter Luiz de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.23619031227	
CAPÍTULO 28	305
O VITALISMO E AS ORIGENS DA FISILOGIA MODERNA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031228	
CAPÍTULO 29	317
RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DO SANTO ANTÔNIO: POBREZA E ASSISTÊNCIA EM DIAMANTINA, 1901-1910	
Paula Afonso de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031229	
CAPÍTULO 30	330
REDES CEREBRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
Valeria Portugal	
DOI 10.22533/at.ed.23619031230	
CAPÍTULO 31	336
RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL EM GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NA DITADURA CIVIL -MILITAR: CASO VOLKSWAGEN DE SÃO BERNARDO DO CAMPO NO INQUÉRITO CIVIL-PÚBLICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL	
Nicole Naomi Handa Nomura	
DOI 10.22533/at.ed.23619031231	
CAPÍTULO 32	341
SEMEANDO AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO MENTAL, CONTRA A MONOCULTURA DA MENTE	
Mônica Chiffolleau	
Juliana Dias	
DOI 10.22533/at.ed.23619031232	
CAPÍTULO 33	348
SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ	
Nelson de Jesus Teixeira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031233	

CAPÍTULO 34	356
TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva Sabrina Sales Araújo Patrícia Helena Mirandola Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.23619031234	
CAPÍTULO 35	368
O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II	
Vera Maria Ferreira Rodrigues Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.23619031235	
CAPÍTULO 36	374
O INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA COMO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL	
Valessa Leal Lessa de Sá Pinto Angelo Santos Siqueira Abel Rodolfo Garcia Lozano Sérgio Ricardo Pereira de Mattos Jhoab Pessoa de Negreiros Tereza Luzia de Mello Canalli Geovane André Teles de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031236	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	385
ÍNDICE REMISSIVO	386

O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA

Jarbas de Mesquita Neto

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Instituto de Biociências – Departamento de Zoologia - Rio de Janeiro, RJ.
e-mail: epistemecognitio@gmail.com

RESUMO: Sir Arthur Conan Doyle, médico e escritor britânico de origem irlandesa, nasceu em um ambiente religioso, assim como em um período de grandes mudanças paradigmáticas, principalmente científicas. Participou de algumas destas mudanças. A literatura e as Ciências foram suas paixões desde a infância. Suas criações literárias influenciaram o pensamento de sua geração e das seguintes ao inventar personagens icônicos, como o detetive Sherlock Holmes e o explorador e acadêmico Dr. Challenger, ambos baseados no pensamento científico. Na espiritualidade, ele também procurava por cientificidade, embora talvez com visão um tanto ingênua.

PALAVRAS-CHAVE: Arthur Conan Doyle / Forênsica / Literatura / Ciência

THE MAN WHO CRIATED SHERLOCK
HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE
BETWEEN SCIENCES AND LITERATURE

ABSTRACT: Sir Arthur Conan Doyle, a British

physician and writer of Irish origin, was born in a religious setting, as well as in a period of major paradigmatic changes, mainly scientific ones. He participated in several of these changes. Literature and science have been his passions since childhood. His literary creations influenced the thinking of his generation and the next by producing iconic characters such as Detective Sherlock Holmes and explorer and scholar Dr Challenger, both based on scientific thinking. In spirituality, he also sought for scientificity, though perhaps with a naive insight.

KEYWORDS: Arthur Conan Doyle / Forensics / Literature / Science

Arthur Conan Doyle nasceu em maio de 1859 (ano da publicação do livro **On the Origin of Species by means of Natural Selection** por Charles Darwin), na cidade escocesa de Edinburgh, a mesma cidade que Robert Louis Stevenson usou como pano de fundo para um livro ficcional de esquizofrenia, **The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde**. Esta história se baseia na pessoa real de Deacon Brodie, lojista respeitável de dia e ladrão de corpos à noite. Sua mãe frequentava a Instituição Filosófica de Edinburgh desde 1863, onde haviam palestras sobre ciências. Sua paixão pela literatura e pelo conhecimento influenciou Arthur; por exemplo, iam e discutiam as

obras de Oliver Wendell Holmes, médico e literato que acreditava no escrutínio do conhecimento contemporâneo. Como médico, Holmes auxiliou no avanço da teoria das doenças por germes na década de 1840, como no caso de a febre puerperal ser levada pelo médico atendente entre um parto e outro.

Neste período estavam ocorrendo as expedições exploratórias britânicas na África, com o registro da nascente do Nilo por John Hanning entre 1856 e 1859, após a expedição do explorador Richard Burton. As histórias deste mundo em expansão influenciaram Arthur Conan Doyle, que escreveu aos seis anos de idade uma aventura sobre a caça a um tigre-de-Bengala. E também haviam diversos cursos livres, como frenologia, que eram frequentados por leigos letrados, como por sua mãe.

Em 1876, Doyle iniciou o curso de Medicina na Universidade de Edinburgh, a qual apresentava facilidades adicionais extramuros, como hospitais e a Enfermaria Real. A escola médica enfatizava o lado prático, como idealizado por seu professor de Anatomia, Alexander Monro, que a praticava nesta Enfermaria. Neste local havia uma educação médica notável, onde os seus doutores competiam com os professores universitários médicos. A própria escola encorajava as inovações médicas, como a identificação do clorofórmio como anestésico pelo professor James Young Simpson, em 1847; e o trabalho pioneiro sobre antissépticos na cirurgia no final da década de 1860 pelo professor Joseph Lister. Subsequentemente, a sua estrela declinou, pois ele se apoiou apenas nas suas láureas. Na década de 1870 a situação estava novamente mudando. Em 1878, Eugene Marie Chandrelle, professor de Francês, Alemão e Italiano em Edinburgh, foi preso, acusado de matar a sua jovem esposa. Diversos professores desta Faculdade de Medicina forneceram evidências farmacológicas e forensicas sobre a sua suposta morte por ópio bruto.

Doyle descreveu a Universidade de Edinburgh como um ponto avançado e espartano de um tipo *laissez-faire* de escola pública inglesa, onde um estudante era deixado à sua própria sorte, longe de qualquer moralidade. Este sistema darwiniano permitiu que alguns aprendessem os benefícios da independência e se tornassem homens do mundo, enquanto que outros caíam logo no início para não mais se levantarem. Ele não estava convencido quanto à sua praticidade. Havia inclusive uma ampla lista de disciplinas compulsórias, como Botânica, Química, Anatomia e Fisiologia. Muitas destas disciplinas apresentavam apenas um interesse indireto para a arte da cura, mas foram cruciais para o seu desenvolvimento durante a chatice dos cinco anos de curso.

Doyle poliu o Alemão, o Francês e a Filosofia Moral (1877) e realizou cursos em Botânica, História Natural, Química, Anatomia e Fisiologia (1878). Retomou suas especialidades anteriores e adicionou novas (cirurgia e farmácia práticas, trabalhos de parto, medicina clínica, jurisprudência médica, matéria médica e vacinação). Após dois exames obteve o título de Bacharel em Medicina.

Foi Sir Robert Christison, professor de Matéria Médica e Terapêutica quem personificou o espírito da faculdade médica neste período. Com seu sucessor,

Thomas Richard Fraser, ajudou a mudar o foco do Departamento de Anatomia e Cirurgia para Plantas e Farmacologia Prática – ou seja, do trabalho interno do corpo para a influência externa sobre ele. Há forte influência de Christison sobre as ideias de drogas e venenos de Doyle no personagem Sherlock Holmes.

Em seu trabalho anterior como professor de Jurisprudência e Polícia Médica, Christison realizou um trabalho pioneiro em Medicina Forense e, em menor grau, em Saúde Pública. Embora já houvessem trabalhos padrão, ele ajudou a impulsionar o uso científico da toxicologia nos procedimentos jurídicos, para uso nos tribunais. Interviu no julgamento de Burke e Hare que, inicialmente, impediam a detecção e a investigação devido à sua crença de que haviam encontrado um modo de sufocar as suas vítimas sem machucá-las. Os experimentos de Christison sobre equimoses e feridas em cadáveres auxiliaram a assegurar a culpa de Burke. Doyle faz alusão a este caso no início de sua história **Um Estudo em Vermelho**; ao procurar satisfazer a sua “paixão pelo conhecimento definitivo e exato”, a figura austera de Sherlock Holmes encontrava-se realizando investigações similares, que ele combinou com pesquisas sobre o efeito de drogas derivadas de alcaloides vegetais. Robert fazia questão de testar esses mesmos alcaloides em si mesmo para verificar possíveis efeitos terapêuticos, uma prática seguida por Thomas Richard Fraser, por Arthur Conan Doyle e por seu personagem Sherlock Holmes. Uma vez, ao ingerir uma dose quase fatal do grão de Calabar, Christison contra-atacou com uma bacia de água de barbear. Porém ele havia ingerido veneno suficiente para paralisar o seu corpo por algumas horas – um processo que ele redigiu posteriormente com a devida objetividade. Mas isso não fez com que ele parasse de usar os estudantes como cobaias, como na sua pesquisa sobre a coca e o seu derivado, a cocaína, na década de 1870. Ele parecia feliz com os resultados: ao subir uma montanha aos 80 anos de idade, mascar folhas de coca aliviou sua ascensão; declarou que além de remover a fadiga, as folhas a evitavam.

As histórias de Christison eram míticas quando Arthur entrou na Universidade. A sua contribuição para o personagem Holmes com sua fascinação por venenos está bem clara e, particularmente, quando Fraser - anteriormente seu assistente de pesquisas – a seguiu tão proximamente. Desse modo. Fraser, professor de Doyle, repetiu os passos de seu predecessor. Porém, Fraser foi mais fanático sobre o Método Experimental, levando-o para o Congresso Médico Internacional de 1881 e defendendo o relaxamento da lei sobre vivisseção por sua importância para a pesquisa médica – uma campanha que o próprio Arthur defendia.

A reputação de Christison também envolvia aspectos controversos. Estes aspectos levaram Doyle a torna-lo o modelo inspirador para o Professor James Moriarty, oponente de Sherlock Holmes. Neste aspecto, o oponente mais determinado a Christison foi o Dr. Harvey Littlejohn, quem combinava seu emprego principal como Diretor de Saúde de Edinburgh com uma próspera prática em Medicina Forense. Na sua função com saúde pública, Littlejohn ajudou a transformar a antiga cidade, um

berçário fedorento e superpopuloso em doenças, em uma urbanidade mais moderna, cujos habitantes poderiam esperar pelo menos uma vida medianamente longa. Como especialista médico-legal, ele acompanhou Christison ao introduzir avanços científicos modernos, incluindo evidências a partir da fotografia e de impressões digitais nos tribunais, referenciadas em histórias de Sherlock Holmes. O legado de Littlejohn é evidenciado pela vida e pelos trabalhos de Arthur. Doyle e William Burton adotaram o seu entusiasmo pela Medicina como meio de mudanças sociais – e Doyle também foi um entusiasta da Medicina Forense. Littlejohn apresentou evidências que levaram o professor Chandrelle a ser condenado em 1878.

O Dr. Joseph Bell foi um observador inescrutável dos maneirismos e dos traços de seus pacientes, o que lhe permitia realizar diagnósticos instantâneos a partir de evidências mínimas. Bell declarava que podia dizer, a partir da aparência de um homem, que ele havia servido até recentemente como oficial não remunerado de um regimento escocês em Barbados, devido à sua aparência de respeito, de autoridade e tipologia “obviamente escocesa”, assim como por não tirar o chapéu em ambientes fechados ou como saudação.

Em 1899, Conan Doyle estava fascinado pela ideia do Inventor, o homem prático que contribuiu para o mundo. Arthur contrastou as diferentes contribuições do Médico, com as suas curas, e o Major, com a sua arma. Agora, ao se comprometer em utilizar novamente o seu jaleco branco, seria apropriado que ele inventasse e conduzisse o seu próprio experimento em balística.

O funcionamento do subconsciente era um livro fechado para ele. Ele podia aceitar a ideia da mente subliminar, uma versão psicologicamente sofisticada, como foi desenvolvida por seu amigo Frederic Myers, o qual morreu neste mesmo ano. Mas Arthur não fez o salto até os conceitos mais radicais que emanavam de Viena, onde Sigmund Freud, outro membro da Sociedade Para Pesquisas Psíquicas, havia recém-publicado os seus primeiros trabalhos sobre a interpretação dos sonhos. Essa era a direção que a Ciência seguia: a mente era a fronteira final que o racionalismo do Séc. XIX deveria conquistar. Mas Arthur já havia levado as suas agitações científicas longe o bastante com a forense e outras técnicas. Ele próprio não queria aprofundar-se muito na mente irracional. Assim, **O Cão dos Baskervilles** é um anacronismo: uma maldição hereditária, uma onda de identidades trocadas, e um elenco de figuras vitorianas. Holmes ainda representa o espírito da razão científica ao declarar que “um investigador precisa de fatos, não de lendas ou rumores” (LYCETT, 2007). Tanto esta história quanto sua crença no espiritualismo podem ter-se originado pela sua herança cultural irlandesa, com fortes crenças no sobrenatural e histórias de cães, a qual ele tentava conciliar com o pensamento científico.

Os escoteiros estavam para contar com Arthur tanto como inspiração quanto como apoio. No manual **Auxílio para a Exploração pelos Oficiais Subalternos e Homens** (1901), de Robert Baden-Powell, aprovava-se e recomendava-se os talentos observacionais de Sherlock Holmes e Joseph Campbell. Holmes tornou-se

o mentor literário dos escoteiros, encorajando-os a utilizar o seu potencial dedutivo ao procurar por provas e ao exercitar sua imaginação.

O uso inadequado por Holmes do polegar do construtor na sua história **Polegar do Construtor** para determinar a sua culpa demonstrou engenhosidade, mas não compreensão das técnicas forensicas modernas. Francis Galton lhe disse não entender como um molde de cera de um selo poderia ter deixado uma impressão legível em uma parede. Como um pioneiro na área, Galton testara o método e criticou experimentalmente a mistura de cera e sangue. Anteriormente, ele ficava a par dos procedimentos policiais, mas afastou-se dos seus métodos analíticos (retomou-os posteriormente).

Em 1902, um novo comissário assumiu a Scotland Yard, Sir Edward Henry, autor de **Classification and Uses of Fingerprints** (1902), uma consequência de sua, então, recente - e crescente - pesquisa com impressões digitais. Seus talentos técnicos e administrativos como cabeça do CID coincidiram com o modo mais rigoroso da Medicina Forense nas cortes. A partir de então, o Conselho do Condado de Londres passou a requerer que os hospitais gerais empregassem dois patologistas para exames pós-morte, ocorrendo então um crescimento relacionado à sua especialização. Toxicologistas e patologistas trabalhavam com o Ministério do Interior. Um famoso intervencionista deste período foi Bernard Spilsbury, colega de Arthur no *Clube do Crime*, um grupo de escritores e advogados que se juntava para discutir os julgamentos controversos. Aliás, foi nesse período, com o *Clube do Crime*, que Doyle se interessou pelos crimes de Jack, o Estripador. Ele chegou a reavaliar alguns locais dos seus crimes, embora superficialmente.

A partir de 1919, Arthur envolve-se mais fortemente com o espiritualismo. Para ele, haveria um mundo além daquele que comumente percebemos e que poderia ser avaliado cientificamente. Envolveu-se com médiuns e mágicos. Alguns desses mágicos, como Larry Houdini, demonstraram que muitos “médiuns” utilizavam truques similares aos dos mágicos. Aparentemente o espiritualismo não seria algo real, mas Doyle defendeu o espiritualismo científico até a sua morte.

Além das histórias sobre Holmes, Doyle escreveu sobre outro famoso personagem que havia criado, o Dr. Challenger, um cientista cético e aventureiro. Na história **A Máquina de Desintegrar** aparece um equipamento mecânico que faria com que as pessoas aparecessem e desaparecessem. Esse seu livro parece se basear nos avanços da Física Atômica, mas há analogias com a Magia oriental e com o Ocultismo ocidental. Já em **Quando o Mundo Gritou**, o próprio Challenger enterrou-se oito milhas abaixo da crosta terrestre para revelar a “verdade ecológica moderna” de que o mundo é um sistema vivo. E isto na década de 1920, muito anterior à Teoria, ou Hipótese, de Gaia, muito considerada atualmente. E terminará aí o caso de amor de Arthur com os frutos do Método Científico.

Em todos os seus atos, Arthur demonstrava orgulho de ser britânico acima de tudo.

THE MAN WHO CRIATED SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE BETWEEN SCIENCES AND LITERATURE

Arthur Conan Doyle was born in May 1859 (year of publication of Charles Darwin's book **On the Origin of Species by means of Natural Selection**) in the Scottish city of Edinburgh. Robert Louis Stevenson used this city as the background for his book on fictional schizophrenia, **The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde**, a story based on the real person of Deacon Brodie, respectable shopkeeper by day and body thief at night. His mother had attended the Edinburgh Philosophical Institution since 1863, where there were lectures on science. Her passion for literature and knowledge influenced Arthur; for example, read and discussed the works of Oliver Wendell Holmes, a physician and literate who believed in the scrutiny of contemporary knowledge. As a physician, Holmes helped advance the theory of germ disease in the 1840s, as in the discovery that the attending physician between births led to puerperal fever.

During this period, British exploratory expeditions were taking place in Africa, with the registration of the Nile spring by John Hanning between 1856 and 1859, after the expedition of the explorer Richard Burton. The stories of this expanding world influenced Arthur Conan Doyle, who wrote at the age of six an adventure about hunting a Bengal tiger. Moreover, there were several free courses, such as phrenology, which literate nonprofessionals, as his mother, use to attend.

In 1876, Doyle began his medical degree at the University of Edinburgh, which had additional extramural facilities with several hospitals and the Royal Infirmary. The medical school emphasized the practical side, as envisioned by its anatomy professor Alexander Monro, who practiced it in this ward. In this place, there was a remarkable medical education where their doctors competed with the medical university teachers. They encouraged medical innovations, such as the identification of chloroform as an anesthetic by Professor James Young Simpson in 1847; and the pioneering work on antiseptics in surgery in the late 1860s by Professor Joseph Lister. Subsequently, his celebrated carrer declined as it leaned only on its laurels. In the 1870s, the situation was changing again. In 1878, Eugene Marie Chandrelle - a French, German and Italian teacher in Edinburgh - was arrested on charges of killing his young wife. Several services at this Faculty of Medicine have provided pharmacological and forensic evidences of such death as set by crude opium.

Doyle described the University of Edinburgh as a Spartan outpost of a *laissez-faire* type of English public school, where students were left to their own devices, far from any morality. This Darwinian system allowed some to learn the benefits of independence and become men of the world, while others would fall at this beginning to rise no more. He was not convinced about its practicality. There was even a broad list of compulsory subjects, such as Botany, Chemistry, Anatomy, and Physiology. Many of these disciplines were only of indirect interest to the art of healing, but were

crucial to their development during the boring five-year course.

Doyle polished German, French, and Moral Philosophy (1877) and took courses in Botany, Natural History, Chemistry, Anatomy, and Physiology (1878). He resumed his previous specialties and added new ones (Surgery and Pharmacy practices, Labor and Clinical Medicine, Medical Jurisprudence, Medical Matters, and Vaccination). After two exams, he obtained the title of Bachelor of Medicine.

It was Sir Robert Christison, professor of medical and therapeutic subjects, who embodied the spirit of the medical faculty in this period. With his successor, Thomas Richard Fraser, he helped shift the focus of the Department of Anatomy and Surgery to Plant and Practical Pharmacology - that is, from the body's internal work to the outside influence on it. Christison has a strong influence on Doyle's ideas of drugs and poisons in the character Sherlock Holmes.

In his previous work as a professor of Jurisprudence and Medical Police, Christison did pioneering work in Forensic Medicine and, to a lesser extent, Public Health. Although there were already standard works, it helped boost the scientific use of toxicology in legal proceedings for use in the courts. He intervened in the trial of Burke and Hare, which initially prevented detection and investigation because of their belief that they had found a way to suffocate their victims without harming them. Christison's experiments on bruises and body wounds helped secure Burke's guilt. Doyle alludes to this case early in his story **A Study in Red**. In seeking to satisfy his "passion for definitive and accurate knowledge", Sherlock Holmes's stern figure was conducting similar investigations, which he combined with research into the effect of plant alkaloid-derived drugs. Robert was keen to test this kind of alkaloids on himself for possible therapeutic effects, a practice followed by Thomas Richard Fraser, Arthur Conan Doyle, and his character Sherlock Holmes. Once, ingesting a near-fatal dose of Calabar grain, Christison countered with a bowl of shaving water. However, he had ingested enough poison to paralyze his body for a few hours - a process he later drafted with due objectivity. Nevertheless, this did not stop him from using students as experimental subjects - like guinea pigs - as in his research on coca and its derivative cocaine in the 1870s. He seemed happy with the results: when climbing a mountain at age 80, chewing coca leaves eased its escalation. He stated that in addition to removing fatigue, the leaves avoided it.

Christison's stories were mythical when Arthur entered the University. His contribution to the character Holmes with his fascination by poisons is quite clear, particularly when Fraser - formerly his research assistant - followed him so closely. Thus, Fraser, Doyle's professor, followed the footsteps of his predecessor. However, Fraser was even more fanatical about the Experimental Method, taking it to the 1881 International Medical Congress and advocating relaxation in the vivisection law for its importance to medical research - a campaign that Arthur himself advocated.

Christison's reputation also involved controversial aspects. These aspects led Doyle to make him the inspirational role model for Professor James Moriarty, an

opponent of Sherlock Holmes. In this respect, his most determined opponent was Dr. Harvey Littlejohn, who combined his main job as Edinburgh's Director of Health with thriving practice in Forensic Medicine. In his public-health role, Littlejohn helped transform the old city, a stinking and overpopulated nursery of disease - whose inhabitants could expect only a half-life, at most - into a more modern urbanity. As a forensic expert, he accompanied Christison in introducing modern scientific advances, including evidence from photography and fingerprints in court, referenced in Sherlock Holmes stories. Arthur's life and work evidenced Littlejohn's legacy. Doyle and William Burton adopted their enthusiasm for medicine as a means of social change - and Doyle was a forensic enthusiast. Littlejohn presented evidence that led Professor Chandrelle conviction in 1878.

Dr. Joseph Bell was an inscrutable observer of his patients' mannerisms and traits, allowing him to make instant diagnoses from minimal evidence. Bell stated that he could say from the appearance of a man that he had served until recently as an unpaid officer in a Scottish regiment in Barbados, because of his "obviously Scottish" respect, authority and typology, as well as by not taking off his hat indoors or as a greeting.

In 1899, the idea of the Inventor fascinated Conan Doyle, the practical man who contributes to the world. Arthur contrasted the different contributions of the Doctor with his cures and the Major with his weapon. Now, by committing to using his white coat again, it would be appropriate for him to invent and conduct his own ballistics experiment.

The operation of the subconscious was a closed book for him. He could accept the idea of the subliminal mind, a psychologically sophisticated version, as developed by his friend Frederic Myers, who died this same year. However, Arthur did not make the leap to the more radical concepts emanating from Vienna, where Sigmund Freud, another member of the Society for Psychical Research, had recently published his first works on dream interpretation. This was the direction science moved towards: the mind was the final frontier that nineteenth-century rationalism should conquer. However, Arthur had already taken his scientific upheavals far enough with forensics and other techniques. He himself did not want to delve deep into the irrational mind. Thus, **The Dog of the Baskervilles** is an anachronism: a hereditary curse, a wave of mistaken identities, and a cast of Victorian figures. Holmes still represents the spirit of scientific reason by stating, "An investigator needs facts, not legends nor rumors" (LYCETT, 2007). Both this story and his belief in spiritualism may have stemmed from his Irish cultural heritage, with strong beliefs about the supernatural and dog stories, which he tried to reconcile with scientific thinking.

The Boy Scouts were to count on Arthur as both inspiration and support. Robert Baden-Powell's **Aid to Exploitation by Junior Officers and Men** (1901) approved and recommended the observational talents of Sherlock Holmes and Joseph Campbell. Holmes became the literary mentor of the Boy Scouts, encouraging them

to use their deductive potential when searching for evidence and exercising their imagination.

Holmes' inappropriate use of the builder's thumb in his story **Builder's Thumb** to determine his guilt has shown ingenuity but no understanding of modern forensic techniques. Francis Galton told him he did not understand how a wax seal on a stamp could have left a legible imprint on a wall. As a pioneer in the field, Galton had tested the method and experimentally criticized the mixture of wax and blood. Earlier, he was aware of police procedures, but departed from his analytical methods (later resuming them).

In 1902, a new commissioner took over Scotland Yard, Sir Edward Henry, author of **Classification and Uses of Fingerprints** (1902), a consequence of his then recent - and growing - fingerprint research. His technical and administrative talents as head of the ICD coincided with the most rigorous mode of Forensic Medicine in the courts. From then on, the London County Council required general hospitals to employ two pathologists for postmortem examinations, and therefore there was increasingly specialization. Toxicologists and pathologists worked with the Interior Ministry. A famous interventionist of this period was Bernard Spilsbury, Arthur's colleague at the Crime Club, a group of writers and lawyers who came together to discuss the controversial trials. In fact, it was during this time, with the Crime Club, that Doyle became interested in the crimes of Jack the Ripper. He has even reassessed some of his crimes, though superficially.

From 1919, Arthur became strongly involved with spiritualism. For him, there would be a world beyond the one that we commonly perceive which is submissive to scientific evaluation. He became involved with mediums and magicians. Some of these magicians, such as Larry Houdini, demonstrated that many "mediums" used tricks similar to those of magicians. Apparently, spiritualism would not be real, but Doyle defended scientific spiritualism until his death.

In addition to the Holmes stories, Doyle wrote about another famous character he had created, Dr. Challenger, a skeptical and adventurous scientist. In his history, **The Crumbling Machine**, features mechanical equipment that would make people appear and disappear. This history, seemingly based on advances in Atomic Physics, had analogies with Eastern Magic and Western Occultism. In **When The World Screamed**, Challenger himself buried himself eight miles below the earth's crust to reveal the "modern ecological truth" that the world is a living system. This history, written in the 1920s, came along before Gaia's Theory, or Hypothesis, which is widely considered today. That is the end of Arthur's love affair with the fruits of the Scientific Method.

In all his actions, Arthur was proud to be British above all.

REFERÊNCIAS:

LYCETT, ANDREW. **The Man who created Sherlock Holmes. The Life and Times of Sir Arthur Conan Doyle**. Free Press. New York, London, Toronto & Sydney. 2007.

COLIN BEAVAN. **Fingerprints: The Origins of Crime Detection and Murder Case that Launched Forensic Science**, Hyperion. New York, USA, 2001.

EVANS, COLIN. **The father of forensics**. Berkeley Publishing. New York. 2006.

THOMAS, RONALD. **Detective Fiction and the Rise of Forensic Science**. CUP. 1999.

WAGNER, E.J. **The Science of Sherlock Holmes**. John Wiley. Hoboken. 2006.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

DENISE PEREIRA - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

MARISTELA CARNEIRO- Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 3, 6, 26, 42, 50, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 76, 80, 82, 102, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 160, 161, 301, 321, 322, 369

África do Sul 148, 149, 150, 151, 154, 155

Arquitetura 32, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Arquivo 1, 21, 26, 27, 29, 30, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 81, 87, 111, 113, 115, 116, 117, 144, 243, 258, 371

Arquivos escolares 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116

Arquivos municipais 1

B

Bens patrimoniais 50, 55, 107, 108

Berçário “Mãe Cristina” 133, 134, 135, 137, 138

Burocracia 8, 65, 70, 80

C

Cidadania 11, 12, 15, 16, 19, 56, 152, 153

Cidade 1, 5, 8, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 35, 40, 41, 42, 56, 68, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 98, 102, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 147, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 179, 184, 185, 186, 187, 205, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 260, 268, 282, 288, 293, 296, 300, 301, 302, 303, 317, 319, 321, 323, 354, 359, 361

Construir 23, 85, 87, 101, 110, 123, 147, 157, 158, 172, 206, 209, 337, 341, 342, 345, 357

Creche 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 10, 12, 13, 16, 20, 27, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 43, 50, 55, 60, 61, 63, 68, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 147, 151, 153, 154, 157, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 183, 190, 241, 242, 247, 249, 253, 259, 272, 273, 275, 276, 279, 281, 282, 291, 292, 343, 345, 347, 350, 355, 359, 360, 365, 366, 367, 372, 373, 376, 382, 384, 385

Culturas políticas 148, 149, 151, 154, 155

E

Educação patrimonial 11, 12, 13, 16, 19, 20, 53, 54, 55, 56, 63, 107, 108, 109, 112, 113, 117

Ensino 12, 13, 18, 19, 20, 39, 53, 54, 55, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 111, 112, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 147, 261, 270, 356, 368, 370, 371, 372, 374, 375, 379, 380, 381, 385

Ensino de história 12, 18, 19, 20, 53, 54, 97, 102, 105, 261, 270

Ensino primário 65, 66, 69, 80, 82

Estudos africanos 148, 155

Exército brasileiro 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 125, 144, 147

F

Fiscalização 26, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 80

Fontes históricas 6, 11, 17, 18, 20, 67, 113, 115, 318

G

Grupo escolar 65, 66, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 167

H

História 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 40, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 182, 183, 190, 191, 192, 200, 201, 204, 210, 211, 213, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 240, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 303, 304, 318, 324, 328, 329, 355, 356, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 376, 377, 379, 381, 382, 383, 384, 385

História da educação 66, 67, 82, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 133, 134, 139

História do tempo presente 148

História militar 141, 142, 143, 144, 147

Historiografia 6, 21, 100, 110, 114, 117, 127, 141, 142, 143, 146, 147, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 280, 281, 282, 290, 292, 294, 336, 339, 376, 383

I

Identidade 2, 3, 10, 12, 13, 19, 22, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 57, 63, 70, 95, 96, 100, 101, 103, 106, 108, 113, 114, 143, 149, 153, 157, 161, 172, 202, 216, 222, 241, 243, 244, 245, 246, 253, 258, 275, 281, 289, 291, 333, 334, 343, 346, 350, 355, 364, 366, 384

Instituições profissionais 133

Interdisciplinaridade 2, 174, 183

Intervenção 84, 95, 106, 162, 203, 223, 354

L

Lei 10639/03 97, 98

Luiz Gonzaga 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

M

Memória 11, 12, 13, 19, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 82, 84, 85, 87, 93, 95, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 123, 125, 127, 129, 133, 142, 144, 151, 157, 172, 173, 174, 208, 219, 248, 250, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 292, 303, 319, 320, 323, 324, 333, 334, 340, 350, 364, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378

Montes Guararapes 45, 46, 47, 48, 49, 51

Monumento às bandeiras 84, 85, 86, 87, 91, 92, 95, 96

Morar 77, 157, 158, 165, 166, 172, 177

Município 1, 3, 4, 5, 6, 9, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 53, 57, 72, 73, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 160, 162, 186, 273, 274, 275, 361

Música 98, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 216, 219, 225, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259

P

Pátio da cruz 84, 85, 90, 93, 94, 95

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 84, 91, 95, 96, 107, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 134, 149, 157, 161, 171, 172, 173, 177, 294, 298, 299, 300, 369, 371

Patrimônio cultural 1, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 30, 41, 49, 52, 54, 63, 96, 109, 113, 149, 157, 172

Patrimônio territorial 1, 3, 4, 5, 7, 9, 21, 22, 24, 25, 26

Potencialidades 23, 32, 40, 41, 44

Presença negra 97, 98, 99, 240

R

Registros documentais 21

Relações internacionais 148, 149, 150, 155

S

São Francisco do Sul 1, 9, 10, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30

Serra Negra do Norte 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44

Sociedade 1, 4, 12, 19, 22, 23, 24, 29, 32, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126, 127, 142, 143, 145, 152, 153, 157, 159, 160, 161, 171, 172, 173, 190, 194, 195, 197, 198, 226, 230, 238, 240, 244, 254, 256, 275, 276, 279, 281, 286, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 318, 320, 321, 322, 323, 333, 346, 347, 355, 361, 365, 368, 372, 373, 374, 378, 381, 382

T

Trabalhar 42, 63, 79, 100, 101, 123, 127, 137, 157, 158, 160, 165, 166, 172, 177, 279, 307, 308, 361, 362, 369

Turismo sustentável 32, 41

V

Vigésio Sétimo 27º Grupo de Artilharia de Campanha 141, 142, 144

Vila 1, 5, 8, 21, 26, 41, 160, 168, 283

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-823-6

